

ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE HIGIENE E TRABALHO DOS FEIRANTES DA FEIRA PÚBLICA DE SÃO MIGUEL DO GOSTOSO/RN

Aevilson da Silva Tavarea¹

¹Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú.

¹Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

¹Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Email: aevilsonsilva@yahoo.com.br

Vera Lúcia Silva²

Orientadora-IFRN

E-mail: gabin.ip@ifrn.edu.br

RESUMO

Este artigo intitulado Análise das condições de higiene e trabalho dos feirantes da feira pública de São Miguel do Gostoso/RN, objetiva apreciar a dinâmica de trabalho e condições de higiene na feira livre de São Miguel do Gostoso/RN. Este trabalho busca apreciar a dinâmica de trabalho e condições de higiene na feira livre de São Miguel do Gostoso/RN. De forma analítica descrever em linhas gerais as condições de higiene e trabalho dos feirantes-vendedores que fazem da feira um elemento integrante da economia local. Entender como dar-se a organicidade da Feira e ação dos feirantes frente a questões de higiene durante o processo de comercialização. No desenvolvimento do mesmo debruçou – se em sua essência na fundamentação teórica de estudos desenvolvidos por COSTA (1997), DANTAS (2007), TAVARES (2011). Trata-se de uma pesquisa aplicada, onde se realizou visitas em dias de funcionamentos da Feira Livre – segunda feira- e na Prefeitura Municipal de São Miguel do Gostoso/RN. Ao final da pesquisa teve como resultado uma observação de uma complexa ação frente a manipulação de alimentos sem cuidados mínimos de higiene. As condições de trabalho e higiene dos feirantes da Feira pública de São Miguel do Gostoso/RN é uma problemática que precisa ser analisada sobre os olhares de reestruturação da gestão pública a fim de oferecer melhores ares a essa clientela.

PALAVRAS - CHAVES: Feira Livre, Higiene, Gestão e Trabalho

INTRODUÇÃO

A Cidade de São Miguel do Gostoso, localizada a 110 km da capital tem apresentado um considerável índice de desenvolvimento econômico, histórico e social nos últimos tempos, isso é fato. Percebe-se no “agito da cidade”. Porém a literatura não tem acompanhado esta evolução, não descrevendo esse conjunto de fatores com tanta fluência cobrada pelo leitor mais exigente.

Há constantemente uma perspectiva de mudança dentro da esfera econômica, social e histórica. A educação de São Miguel/RN já não é mais a mesma dos anos noventa. Segundo os últimos dados do IDEB (Instituto de Desenvolvimento da Educação Básica), a população micalense encontrou estratégias de trabalho e ação capazes de atrair novos olhares para a cidade, outra gente para ocupar e explorar sua cultura, economia, educação, geografia e historicidade como um todo viabilizados pela o enriquecimento educacional.

É possível constatar a presença de estrangeiros que estão residindo na cidade não somente como turista mas como investidor permanente visando lucratividade. A economia tem dado um salto, em diferentes setores podendo-se verificar esse dinamismo de crescimento e ampliação no contexto sócio histórico.

A história de São Miguel do Gostoso já pode ser recontada, em se tratando da evolução social. As pessoas estão sendo mais atuante na construção e produção do saber. Essa ação conjunta estar se refletindo nos resultados pelos índices medição da educação básica do município. Há uma inserção da comunidade micalense nos cursos capacitação e de formação continuada, técnicos, graduação, e pós-graduação (*lato sensu e strit sensu*).

Pessoas de São Miguel do Gostoso estão se deslocando diariamnete em busca do aperfeiçoamento e crescimento acadêmico para cidades vizinhas e circunvizinhas como Touros/RN, João Câmara/RN e Natal/RN. Outros estão se utilizando da modalidade de educação a distância – EAD para fazerem parte desse universo educacional.

Tendo em vista esse cenário, provado pelo IDEB e impactos na infra estrutura do município não se pode desprezar a oportunidade de construir saberes que serão somados a saberes já existente e que encabeçarão outros saberes. Para se desenvolver uma consciência filosófica em torno do que queremos aprender faz necessários levantamos hipóteses e investigarmos afim de não desperdiçarmos cultura. CHAUI, 2001, conclui quanto a Filosofia “significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber” e enfatiza: “ O Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber”. Como construímos no outro amor

pelo saber se não instigarmos a saber? A precisão deste projeto neste ângulo é bastante contundente. Precisamos levar o outro a querer saber.

Geovany Pachelly Galdino Dantas (2007) compila o termo Feira como lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem-se mercadorias. E como a feira não dispõe somente de alimentos, por ser um espaço de troca, e isso foi assim desde as primeiras feiras livres, na etimologia da palavra que tem origem de uma palavra latina “feria” – dia de festa (idem). E é mesmo, o dia de feira é dia de festa, para crianças, adolescentes e outros cidadãos, por condicionar um dia diferente um momento de “lazer”. É hora de viver momentos diferentes, ver novas pessoas e optar por coisas e produtos diversificados.

Compreender a organização da feira exige o entendimento do processo de comercialização que HOFFAMANN (et. alii, 1987) conceitua como conjunto de operações ou funções realizadas no processo de levar bens e serviços desde o produtor até o consumidor final.

MOTT (1975) destaca que os primeiros indícios de feira livre no Brasil se deram com Regimento enviado ao Governo geral D. João ordenou nas vilas existentes em um dia de cada semana, obviamente ou mais se virem que lhes fossem necessários, a realização da feira. Fica entendido que uma medida desse porte abriria espaço para que os nativos pudessem realizar suas trocas e vender seus produtos, comprando também aquilo de que suas necessidades lhes exigissem no momento.

A feira livre é um espaço de encontro de mundos, épocas, economias, culturas e agentes microscópicos que ora são objetos componentes desse trabalho por delimitar a qualidade dos alimentos servidos ao longo das 6 (seis) horas de funcionamento da feira.

A cordialidade é primada, a amizade alimentada em meio a momentos de gritos e euforias do vendedor querendo chamar a atenção do consumidor. Em São Miguel do Gostoso/RN, e na maioria das feiras públicas do Brasil o consumidor espera cerca de seis dias para complementar sua despensa com alimentos frescos e com aparências mais agradáveis daqueles encontrados no mercado.

Considerando que a feira é parte integrante do comércio e contribui para desenhar o perfil sócio econômico do município e a que questão de higiene compõe esse cenário ambos serão elencados ao longo desse trabalho sobre essas temáticas: feira e higiene.

A iniciativa de estudar a feira parte de uma continuidade de um estudo mais amplo sobre a compreensão do “comportamento sócio-econômico e histórico da cidade de São Miguel do Gostoso/RN”-projeto alavancado pelo autor em consonância com alunos de alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Olímpia Teixeira - São Miguel do Gostoso/RN.

Transcorrido em meados de 2010, com objetivo de traçar os impactos sócio econômicos e históricos que a população micalense sofre com a emancipação política e os investimentos estrangeiros quês estão sendo feitos desde então. Para o desenvolvimento desse trabalho foram realizados levantamento de dados bibliográficos junto aos órgãos municipais e literatura disponível nos bancos de dados via internet. Ao longo da pesquisa foi possível descrever um novo momento vivido pelos gostosenses (pseudonome dos micalenses).

Os vários conhecimentos sobre Higiene: “na Medicina é descrita como ciência relativa a conservação da saúde; limpo, asseado” (FERREIRA, 2001); “ parte de la medicina que tiene por objeto como conservación da la salud y la prevención de enfermedades; aseo, limpieza” (GARCIA & HERNÁNDEZ, 2000).

Para uma compreensão analítica da problemática recorreu-se a literatura afim de adquirir estudos produzidos partindo de temática Feira Livre no Rio Grande do Norte. Nesse garimpo de informações DANTAS, 2007 mostrou uma realidade vivenciada pela população de Macaíba quanto a esse processo de comercialização que é a Feira Livre. O trabalho trata de uma dissertação de mestrado onde a mesma buscou elencar um estudo das modificações na dinâmica sócio espacial (1960-2006). No estudo de DANTAS (2007) pode-se compreender que as feiras livre estruturam-se na organização espacial com características muito próximas distanciando-se apenas nas escolhas nas ruas onde as mesmas acontecem. Um interrompem o fluxo de veículos totalmente e outras parcialmente. Dantas buscou através de aplicação de questionários durante visitas in loco estudar e desenhar a realidade da Feira Livre de Macaíba, intitulado: *Feira livre de Macaíba/RN : um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)*, Dantas percebeu que A Feira Livre de Macaíba apresenta uma grande importância, pois destaca-se como um mercado que contribui para o processo de comercialização.

METODOLOGIA

Este trabalho fundamentou-se numa pesquisa exploratória considerando que a “observação trata-se da técnica de pesquisa onde o cientista, guiado por uma metodologia, por conceitos, indicador correspondentes coleta, seleciona e ordena dados da realidade a fim de tentar explicar a gênese e suas características” (COSTA,1997). Validando a atenção para o ato de observar que COSTA, p.211, 1997 aponta “observar não significa somente olhar, mas discriminar.

O trabalho seguiu a metodologia de COSTA, 1997, se utilizando da observação em massa: observação de um grupo de uma grande população em relação a um determinado conjunto de fatos.

A pesquisa se deu entre os meses de agosto-outubro no turno matutino- horário de funcionamento da feira, em seu horário de pico que se dá entre as 8:00 Hs e as 10:00 Hs de 2012.

Ao longo do período de estudo foram realizadas explorações observatórias em massa seguindo os corredores da feira onde dispunham de barracas de gêneros alimentícios como hortifrutis, carnes, aves e pescados, refeições e lanches.

A compilação dos dados primários e secundários foram realizados no mês de outubro de 2012. Os registros de imagens seguiram um padrão organizacional em que os dados pudessem ser apresentados obedecendo o organograma do assuntos apontados dentro da abordagem da temática em questão.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A feira livre de São Miguel do Gostoso/RN segue a dinâmica estrutural e funcional das feiras que compõem a região do Mato Grande assemelhando as demais do Rio Grande do Norte.

As questões elencadas pela pesquisa apontaram que a feira em estudo não vislumbra uma preocupação sobre normas básica sobre manipulação de alimentos propostas pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Caracterização do perfil dos feirantes

O estudo da Feira Livre de São Miguel do Gostoso/RN ainda esta em fase inicial-tendo iniciado em 2011. E, nessa busca em de conhecer a realidade desse tipo de comércio tão marcante na história da cidade, a descrição dos feirantes e determinante para compreender a Feira como um todo.

É compreensível que para se compreender a dinâmica, caracterização e anseios desse público faz necessário e até inevitável a presença do pesquisador *in loco*. O contato direto remete confiabilidade e aumentam as probabilidades de se adquirir informações apuradas e com detalhes minuciosos digno de uma aceitação na literatura.

O estudo sobre os feirantes da feira em destaque, foi aportado em TAVARES (2011) que buscou em seu artigo “Perfil sócio-econômico dos feirantes e caracterização

organizacional e espacial da Feira Livre de São Miguel do Gostoso/RN” traçar em linhas gerais quem é, e, o que faz esse público.

Os feirantes em questão são oriundos em sua maioria de áreas urbanas com distância média em um raio de 100 km. É possível encontrar cidades origens como Caíco, João Câmara, Natal, Parazinho, São Gonçalo do Amarante e Touros – todas dentro do estado do Rio Grande do Norte- bem como da própria cidade de São Miguel do Gostoso/RN.

FOTO 1: Organização e estruturação da Feira Pública de São Miguel do Gostoso/RN



É possível encontrar entre esses feirantes pessoas que além de desenvolverem sua atividade comercial como feirante são donos de estabelecimentos comerciais com endereço fixo, pessoas do lar, estudantes do ensino médio e fundamental, Professores de Programas de Alfabetização e Matemática, açougueiros, Agricultores e Pedreiros. O fato que aqueles ou aquelas que não investem seu tempo nos afazeres doméstico como foi constatado desenvolvem outras atividades que exigem esforços individuais e coletivos.

A faixa etária desses feirantes é de 46 anos (TAVARES, 2011). E a feira foi vista como uma estratégia de aquisição de lucros por terem os produtos para comercialização de fácil acesso, sendo encontrados em mercados da capital (Natal/RN), outros oriundo da agricultura de subsistência e da pesca artesanal. A pecuária é outra atividade econômica que ajuda a desenhar o perfil econômico desses feirantes.

O lazer foi um dos itens em destaque quando questionados sobre o que faziam nos intervalos de uma feira e outra.

Desenvolver atividades artesanais, comerciais, agricultura, pesca, pecuária; cuidar do lar e investir o tempo em lazer; beber com os amigos nos relacionamentos mais estreitos; estudar e

ensinar são componentes cruciais para a formação da personalidade desse grupo de indivíduos dentro de nossa esfera social.

Produtos vendidos na feira

A qualidade da feira é medida pelos consumidores pela variabilidade de produtos que atendam suas necessidades básicas para consumo. A cultura local ainda se satisfaz com produtos típicos de nossa região e alguns outros vindos de outros estados brasileiros no que se refere a alimentos, como algumas frutas maçãs, uvas e outras. Em relação a brinquedos e roupas não é há uma preocupação em se deter ao consumo dos produtos fabricados no estado. A maioria das hortaliças são cultivadas dentro do próprio município por agricultores locais organizados em associações.

Existe uma variabilidade de produtos em seus mais diversos gêneros desde dos setores alimentício, vestuário, eletrônicos e outros ao longo da feira. As tabelas 01 e 02 procuram desenhar esquematicamente os produtos encontrados. Eles estão agrupados em alimentos e outros.

Tendo em vista que um cliente não compraria um alimento seja ele carne branca ou vermelha, frutas, legumes ou verduras sem que façam parte de seu cardápio Desde da origem da feira livre em destaque na introdução segundo MOTTA (1975) que buscava-se o intercambio de produtos afim de atender as necessidades mútuas vigentes da época.. O Brasil também se revela na sua historicidade em meios as feiras livres.

A feira livre rompeu a época, os produtos que a compõem também seguiram os passos submetendo-se a adaptações regionais. Alguns entram na lista de itens que devem sistematicamente compor as feiras como as frutas, verduras e legumes, outros vão se ajustando segundo os critérios de fiscalizações de setores de supervisões sobre a qualidade dos alimentos e como se dão a manipulação e conservação com os mesmos, em destaque as carnes.

De acordo com TAVARES (2011)- A Feira Livre de São Miguel do Gostoso/RN (antiga São Miguel de Touros/RN até meados de 17 de julho de 1993 ano de sua emancipação política) datando de 15 de janeiro de 1990 já disponibilizava para seus consumidores dos produtos típicos da cultura alimentar, vestuário e calçados que eram compatíveis com as classes menos favorecidas da época mas que atendiam aos mais abastados. (TAVARES, 2011)

Tabela 01: Distribuição de alimentos encontrados na Feira

Tabela

ALIMENTOS		DISPONÍVEIS (Quantidade de bancas)
Bomboniere		01
Carne (bovina e suína)		07
Cesta Básica		07
Condimentos		03
Frango		02
Frutas		35
Legumes		25
Peixe		03
Queijo		03
Verduras		22
Vísceras		01
Refeições Prontas	Lanches	06
	Almoços/ café da manhã	04
TOTAL		119

02:

Distribuição de Bebidas e outros

OUTROS (Produtos vendidos)	DISPONÍVEIS (Quantidade de bancas)
Acessórios para cabelos	01
Acessórios para celulares e relógios	01
Bebidas	04
Bijuterias	01
Brinquedos	01
Calçados	03
CD, DVD	05
Celular	06
Controles remotos	01
Embalagens	01
Pneus	01
Recipientes plásticos	03
Redes	01
Relógio	04
Roupas	06
Tapetes	01
TOTAL	40

A higiene dos feirantes frente aos alimentos

A proposta da pesquisa delimitou a higiene dos feirantes frente aos alimentos.

A disponibilidade das refeições e lanches se dão ao ar livre. Os alimentos ficam dispostos em recipientes de alumínio, plásticos e vidro. Alguns recipientes têm seu isolamento térmico por meio de tampas: plásticas, vidros ou alumínio, outros “panos de mãos”. Os talheres são higienizados no próprio local em reservatório de água conseguidos nos arredores da feira. Ficando esses alimentos e utensílios – talheres e assessórios a mercê da transpiração de suor, urina de animais: gatos e cachorros que circulam na feira; a poeira produzida com a circulação dos consumidores também é um forte aliado para o comprometimento da qualidade dos alimentos oferecidos.

FOTO 2: Armazenamento dos alimentos e disposição a venda



**FOTO 3:
Preparação e
Manipulação de
alimentos**

Nos setores de hortifrutis, carnes, e, até mesmo refeições e lanches fica claro que o próprio feirante mantinha o contato com o produto e sem nenhuma medida de higienização resolvia as questões monetárias a que seu produto lhe exigia. Nos setores de alimentos: café e

almoço, é possível encontrar um recipiente com água, que não era corrente, e por diversas vezes fora utilizado pela mesma pessoa deixando confusa a higienização dessas mãos. Nos setores de carnes apenas um pano seco, na maioria dos casos, garantia o intervalo entre o contato com o produto e com a cifra monetária que o cliente lhe disponibilizava. No setor de hortifrutis não foi possível registrar uma higienização durante o processo de comercialização de seus produtos.

As condições de trabalho dos feirantes

Segundo MARX(1988) o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercambio matéria (MARX, 1988, p.202). Nelson Dacio Tomazi em sua obra Sociologia para o Ensino Médio o termo trabalho pode ter nascido do vocábulo latino *tripallium* significando “instrumento de tortura”, e por muito tempo esteve associado à idéia de atividade penosa e torturante.

A realidade conceitual sobre o trabalho coloca-nos em discussão sobre a forma como o trabalho chega a ser uma forma valoração do homem dentro da conjuntura social a que pertence. E como é essa ação – trabalho é conduzida. Karl Max ao colocar o trabalho como um processo conjunto com a natureza deixa claro que ele pode ser equilibrado se não fosse a sua origem um instrumento de tortura. Pois aqueles que já encontraram uma via acessível de não trabalhar ou transferir essa ação para outros desde que haja uma garantia de lucratividade não se submeterão ao “instrumento de tortura”, contudo buscará cada vez mais inserir outros para compor sua base e fortalecimento econômico através do trabalho.

Em diálogos com feirantes fica clara uma realidade trabalhista onde os feirantes têm que conviver com bancas sem uma segurança adequada na sua estruturação, pois sua matéria prima é a madeira e essas bancas não demonstram uma resistência com durabilidade confiável. Os demais acessórios como lonas e hastes que as prendem servindo de cobertores acompanham a ritmicidade de toda a estrutura.

Os feirantes dispõem de espaço 2,20 m² de área da banca, e, 2,20 m² (TAVARES, 2011) da superfície do solo onde a banca esta posta. Com esse espaço de 4,40 m² para colocar os produtos a disposição a venda e armazenamento. A feira é organizada em 3 filas indianas de bancas com corredores com intervalos de 1,20 m. Esse espaço de 1,20 m deve ser compartilhado com os feirantes, consumidores, turistas, pedestres, táxis a tração humana - crianças adolescentes e jovens que se utilizam desse meio para adquirir cifras monetárias com a condução das feiras até domicílios ou transportes próximos ao local da feira.

Uma realidade de falta de privacidade nesse local é desenhada acompanhando o termo “feira livre”. Os feirantes realizam sua contabilidade em meio a esse cenário ficando exposto e a mercê de terem suas economias furtadas sem quaisquer proteções policiais presentes no local da feira fazendo ao menos uma ronda esporádica.

A maioria dos feirantes não dispõem de assentos para acomodar-se nos intervalos durante o período em que não dispunham de consumidores em suas barracas.

A prefeitura municipal disponibiliza dois banheiros públicos com divisórias externas para ambos os sexos a cerca de 60 metros do local, numa ruela- conchas paralela a rua dos Dourados onde a feira estar em funcionamento.

A altura e qualidade do material que reveste as bancas não favorece uma boa ventilação e sombreamento necessário para garantir um bem estar desses trabalhadores

CONCLUSÃO

Os feirantes são determinantes para uma melhor oferta do produto a ser consumido pelo consumidor. O comportamento de educação frente a higiene durante a manipulação dos alimentos não é destaque no cotidiano comercial desses feirante ao longo de suas atividades na feira. Refletindo que estes estão agindo sem cuidados mínimos, ao manipular o alimento e manuseia com o dinheiro arrecadado durante o processo de comercialização, sem considerar os impactos que podem gerar.

Tornando-se claro que o elemento norteador desse comportamento é a agilidade com que o que cliente precisa ser atendido e a quantidade de clientes atendidos. É notório, assim que a formação instrucional poderá contribuir significativamente na melhoria da qualidade do serviço e produto. Caso contrario o consumidor só assistirá como expectador-explorador esse cenário.

A feira é o espaço de entrecruzamento de saberes e necessidades de satisfação do consumo e venda. A higiene e a condição de trabalho dos feirantes é uma questão que é e deve ser conhecida de toda a estrutura organizacional da feira: feirantes, consumidores e gestores, mas deve estar estampada no comportamento do sistema da feira que a “preocupação” com a problemática em estudo precisa fazer parte das políticas públicas desse município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAGÃO, Wilson Honorato (Org). São Miguel do Gostoso: Um município construído à muitas mãos e uma história contada à muitas vozes. Natal (RN): Natal Editora, 2001.
2. CHAUI, Marilena. Filosofia. São Paulo: Editora Ática. 2001
3. COSTA, Cristina. Sociologia: introdução a ciência da sociedade. 2 ed. São Paulo: Moderna,1997.
4. DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feira livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica sócio-espacial (1960-2006). Natal/RN, 2007. 202f
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
6. GARCIA, Maria de Los Ángeles Jiménez & HERNÁNDEZ, Josephine Sánchez. Minidicionário de espanhol: três em um: espanhol-espanhol, espanhol-português, português-espanhol. São Paulo: Scipione, 2000.
7. HOFFMANN, R.; SERRANO, O.; MARZABAL NEVES, E.; MENDES THAME, A. C. de; ENGLER, J. J. de C. Administração da Empresa Agrícola, São Paulo, 1987.
8. LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisas bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. -4 ed.-São Paulo: Atlas,1992
9. MARX, Karl. O Capital. 3ª Ed., São Paulo, Nova Cultural, 1988. 288 p
10. MOTT, Luís Roberto de Barros. A feira de Brejo Grande: Um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975.348 f. Tese (Dourado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP,1975.
11. TAVARES, Aevilson da Silva. Perfil sócio- econômico dos feirantes e caracterização organizacional e espacial da feira livre de São Miguel do Gostoso/RN. VIII CONGIC, Natal. Rio Grande do Norte. 16 a 18 de dezembro de 2011.
12. TOMAZI, Nelson Dacio. Sociologia para o ensino médio. 2 ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.
13. XIMENEZ, Sérgio. Dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed.rev.ampl.. ---São Paulo: Ediouro, 2001.

